

## **Projeto do Programa PROBIC na área de Pedagogia**

Título do projeto proposto: “VEIA – Vertentes Ensino Integração e Arte”

Coordenador do projeto: Professora Marcillene Ladeira

Aluno: Lavínia Thalya Oliveira de Carvalho, Pedagogia

Colaboradores: Professor Coordenador Adriano Márcio do Nascimento

Autor(a)(es) do texto: Marcillene Ladeira, Lavínia Thalya Oliveira de Carvalho e Adriano Márcio do Nascimento

Vigência do projeto: Início 01/outubro/2019, Término: 30/setembro/2020

## **LITERATURA INFANTOJUVENIL: UNIPAC E CENTRO DE CIÊNCIAS DA UFJF, CONSTRUÇÃO EM PRÁTICA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

Marcillene Ladeira <sup>1</sup>

Adriano Márcio do Nascimento <sup>2</sup>

Lavínia Thalya Oliveira de Carvalho <sup>3</sup>

**Resumo:** O estudo visa apresentar uma pesquisa na modalidade de Iniciação Científica, do curso de Pedagogia da UNIPAC/Barbacena – Projeto que vem sendo desenvolvido em parceria com o Centro de Ciências da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG. A temática envolve o estudo e a produção de literatura infantojuvenil. O texto estrutura-se em duas partes – a primeira percorre três instâncias: conceituação, percurso histórico e ensino. A segunda concentra-se na série em formulação, sendo denominada: *As aventuras de Quark e sua turminha*. Além de *Quark* – protagonista, são personagens: *Charm*, *Hadrón* e *Up*. Esses, auxiliam nas narrativas, mas suas aparições podem variar conforme a aventura. Em uma visão atualizada e descontraída, os enredos são construídos numa perspectiva interdisciplinar, trabalhando de modo a divulgar conhecimentos reais, ligados a fatores culturais, em vistas ao despertar de novas vocações/leitores.

**Palavras-chaves:** Educação. Pesquisa. Literatura infantojuvenil. Criação Literária.

## **INFANT-JUVENILE LITERATURE: UNIPAC AND UFJF SCIENCE CENTER, CONSTRUCTION IN SCIENTIFIC RESEARCH PRACTICE**

**Abstract:** The study aims to present a research in the form of Scientific Initiation, from the Pedagogy course at UNIPAC / Barbacena – Project that has developed in partnership with the Science Center of the Federal University of Juiz de Fora/MG. The theme involves the study and production of infant-juvenile literature. The text has structured in two parts – the first one runs through three instances: conceptualization, historical trajectory and teaching. The second focuses on the series in formulation, called: *The adventures of Quark and his little gang*. In addition to *Quark* – protagonist, are characters: *Charm*, *Hadrón* and *Up*. These help the narratives, but their appearances may vary depending on the adventure. In an updated and relaxed view, the plots have built in an interdisciplinary perspective; works to disseminate real knowledge linked to cultural factors, in view to awaken new vocations / readers.

**Keywords:** Education. Research. Infant-Juvenile literature. Literary Creation.

---

<sup>1</sup> Professora orientadora e líder do Grupo VEIA.

<sup>2</sup> Professor orientador e coordenador do Curso de Pedagogia.

<sup>3</sup> Aluna bolsista PROBIC, Curso de Pedagogia, ano 2020.

## 1 Introdução

Ao unir a representação gráfica dos personagens no universo da fantasia com os conhecimentos reais e atuais das Ciências e das Artes nasce a literatura do Projeto – uma construção em prática de Iniciação Científica, que vem sendo realizada no Centro Universitário Presidente Antônio Carlos – UNIPAC, campus Barbacena. Trabalho desenvolvido em parceria com o Centro de Ciências da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, com vistas na utilização dos personagens do local.

É nesse perfil que se insere o caráter pedagógico da proposta, estando voltada às novas gerações, em fase estudantil. Não se pode deixar de ressaltar o significado da leitura literária no momento histórico em que se vive. Vincent Jouve (2002, p. 19 *apud* OLIVEIRA, 2010, p.32), a concebe “como um processo múltiplo, que envolve aspectos neurofisiológicos, cognitivos, argumentativos e simbólicos”. Antônio Cândido (2004, p. 169) traz uma maneira de abordagem que aproxima a literatura aos direitos humanos. Na conjuntura de ambos os autores (JOUVE E CÂNDIDO), percebe-se um ponto comum: a quota de humanidade ou humanização que a leitura literária desencadeia – um processo, sendo observado como ...

aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (CÂNDIDO, 2004, p.180).

“O charme da leitura provém em grande parte das emoções que ela suscita [...], um momento de fruição do imaginário, que possibilita prazer estético e vence as barreiras do tempo e do espaço” (JOUVE, 2002, p. 19 *apud* OLIVEIRA, 2010, p.32). Quanto mais cedo as crianças travarem contato com os livros, mais rapidamente se acostumarão com sua textura, seu formato, seu cheiro, seu sabor.

Em vistas de tais discussões, o desenvolvimento do texto que se segue foi formalizado a partir de dois grandes tópicos: *A literatura infantojuvenil* e *A criação da literatura: material proposto*. O primeiro, sob a ótica de uma abordagem histórica e pedagógica, encontra-se subdividido em 3 partes: (i). *Definindo Conceitos*; (ii). *Um pouco da gênese histórico-cultural*; e (iii). *A Literatura e o Ensino*. Enquanto o segundo, com o mesmo número de itens, há: (i). *Do Projeto: Surgimento, Parceiros, Série*; (ii). *Personagens: dos Nomes, das Iconografias, dos Processos de Representação Gráfica*; e (iii). *Realidade e Fantasia: das Narrativas em Geral e do Livro 1 – tema primeiro*.

## 2 A literatura infantojuvenil

### 2.1 Definindo Conceitos

Vitor Manuel Aguiar e Silva, em *Teoria da Literatura* (2007), traça o conceito e a gênese histórico-cultural do termo Literatura. Em breves considerações, aponta:

[...] literatura deriva historicamente, por via erudita do lexema latino *litteratura*. [...]. Nas principais línguas europeias, [...] entraram, sob formas muito semelhantes – cf. castelhano: *literatura*; francês: *littérature*; italiano: *letteratura*; inglês: *literature*[...] (século XV), sendo um pouco mais tardio na língua alemã (século XVI) e na língua russa (século XVII). Na língua portuguesa, encontramos [...] num texto [...] de 1510. [...] O lexema complexo *litteratura*, deriva do radical *littera*– letra, carácter alfabético –, significa saber relativo à arte de escrever e ler, gramática, erudição (AGUIAR E SILVA, 2007, p. 1-2).

Dos elementos expostos, o autor conclui, firmando que foi na metade do século XVIII que o lexema adquiriu os significados fundamentais que, ainda hoje, apresenta: “uma arte particular, uma específica categoria da criação artística e um conjunto de textos resultantes desta atividade criadora.” (AGUIAR E SILVA, 2007, p. 9).

Nesse íterim de definições, Marisa Lajolo, no livro *O que é Literatura* (1995) manifesta a seguinte reflexão:

Perguntar-se o que pode a literatura? É já uma atitude mais científica do que perguntar-se o que é a literatura? Mas seria melhor ainda perguntar-se o que podemos fazer da literatura? (LAJOLO, 1995, p.5).

Logo, a referida autora afirma que a obra literária é um objeto social, de modo que “para que ela exista, é preciso que alguém a escreva e que alguém a leia. Ela só existe enquanto obra neste intercâmbio social” (LAJOLO, 1995, p. 17). Também, não se deve limitar apenas aos aspectos da linguagem, mas deve ser pensada como uma forma de compreender as discussões da sociedade. Não só entender as escolas literárias, quais os autores mais importantes, mas colocá-la como fonte fundamental no que concerne a contribuição no processo de formação integral do indivíduo, trabalhando com mitos, crenças e valores. Portanto, ...

A literatura não é um jogo, um passatempo, um produto anacrônico de uma sociedade dessorada, mas uma atividade artística que, sob multiformes modulações, tem exprimido e continua a exprimir, de modo inconfundível, a alegria e a angústia, as certezas e os enigmas do homem. Foi assim com Ésquilo e com Ovídio, com Petrarca e com Shakespeare, com Racine e com Sthendal, com Eça e com James Joyce; continua a ser assim com Sartre e com Beckett, com Jorge e com Cholokhov, com Miguel Torga ou com Escritores de amanhã. Apenas variará o tempo e o modo (LAJOLO, 1984, p. 7-8).

Em continuação, o objeto livro, conforme estudos de Roger Chartier (1999), está para a estrutura física - forma material. Esse, segundo o autor, também possui suas revoluções, suas reformas (seja nas estruturas do suporte material ou nas maneiras de ler). Entre tais, citam-se: o manuscrito, o grande *in-fólio*, o *libellus*, o *codex*, o impresso (tipográfico ou xilográfico) até chegar ao livro eletrônico. (CHARTIER, 1999, p. 7-19).

Os sujeitos que atuam em sua produção, divulgação e circulação estão para os autores, editores, livreiros ou projetos editoriais.

Aguiar e Silva (2007, p. 19), ainda, identifica que “a obra literária só existe através do acto cognitivo do seu leitor [...]”. Conforme dicionário, o termo leitor está para “aquele que lê para si mesmo; que tem o hábito ou o gosto de ler e para os quais são criados e imaginados os textos”. Ora, e esses, distinguem-se em gêneros discursivos.

Literatura infantojuvenil – foco de interesse do estudo – está para a ideia de um ramo ou recorte. O termo é formado pela junção de dois vocábulos autônomos ou falsos prefixos: infanto + juvenil. Indica que alguma coisa se refere ou está destinada à infância e à juventude (jovens adolescentes) ou à passagem da criança para o adolescente<sup>4</sup>.

## 2.2 Um pouco da gênese histórico-cultural

Em Chartier (1999, p. 23-45), identifica-se que o século XVIII foi marcado por uma forte alteração na política dos livros: a escrita passa a ser permitida/liberada, sendo de caráter original e pessoal. A liberação fora fundamentada via reconhecimento do *Direito Natural* e pela *Estética da Originalidade*; antes (período histórico da Inquisição), havia a *Apropriação Penal do Discurso*, estando o autor entre a proteção e a punição. Nenhum texto poderia ir a público sem ser julgado, por autoridade religiosa ou política e atestado como subversivo ou não. Inúmeros livros foram condenados como heréticos (primeira lista sistemática data do século XVI) e seus autores foram condenados à fogueira. Como exemplo, cita-se Étienne Dolet, queimado – junto aos seus livros – na praça Maubert, em Paris.

Ao sair do panorama internacional e entrar no nacional, mais, especificamente, acerca da produção literária no Brasil, Florêncio de Oliveira (2010, p.20-23), explica que há uma grande discussão em prol dessa temática. Inicialmente, pautou-se no modelo

---

<sup>4</sup>O estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído pela Lei 8.069 de 1.990, dispõe: Art. 2º, é considerado criança quem tem até 12 anos incompletos; adolescentes de 12 a 18 anos, e em casos excepcionais, o documento legal abarca indivíduos entre 18 e 21 anos de idade.

européu, especificamente o veio português – tratou-se do período colonial; ainda com insuficiência, possuía uma linha de pensamento que englobava as escolas literárias, as visões dos autores, além de fatores de cunho econômico e social. Portanto, em termos de data, a produção literária teria começado no período colonial, momento em que o Brasil ainda estava em formação. Não havia um público leitor e os autores escreviam para si mesmos. Foi com a chegada de D. João e sua comitiva ao Brasil e com a implantação da Imprensa Régia (ambos em 1808), que as publicações passaram a ganhar proporções e força; este novo público leitor estava para a burguesia (OLIVEIRA, 2010, p. 20-30).

Dentro dessa última afirmação, em consulta a outros autores, passa-se a identificar certo grau de contradições; isto, ao considerar a literatura genuinamente brasileira. Certos autores identificam o prelúdio brasileiro com a chegada da frota cabralina (e, portanto, antes da família real); outros, situam o advento do romantismo. Há ainda, aqueles que acreditam que nossa literatura teve partido junto ao advento da Semana de Arte Moderna – 1922. Todos, na verdade, indicam caminhos possíveis.

Ao voltar em Oliveira (2010), na sua ponderação à origem portuguesa, explica:

[...] Portugal que incubou o espírito literário nascente dos brasileiros. Serviu de veículo para a herança de ideias europeias, ocidentais e cristãs que alicerçaram a nossa consciência. Transmitiu-nos valores clássicos, as técnicas literárias, os modelos artísticos, que se foram adaptando ao novo ambiente, dando lugar ao nascimento de algo dotado de sentido brasileiro. Foi em relação a ela que se desenvolveu o primeiro antagonismo, no afã de imprimir feição local à herança europeia (COUTINHO, 1995, p. 55 *apud* OLIVEIRA, 2010, p.22).

Conduzindo-se à literatura no gênero infantil ou infantojuvenil, no panorama mundial, surge a partir dos séculos XVII e XVIII, sobretudo, das publicações de Perrault e La Fontaine – principais autores. Nessa época, principalmente com a reformulação da família, a criança começa a ganhar espaço. Na antiguidade, identifica-se a ideia de um *miniadulto*, sem haver separação: tudo aquilo que um adulto fazia as crianças também faziam. No decorrer do tempo, a criança passa a ser vista como *ser em formação*, que precisa de proteção e ter seus saberes desenvolvidos, respeitando cada faixa etária, uma vez que sua imaginação e fabulação são diferentes. Marco de significância, pois, com isso, foi iniciado o processo de frisar o infantil e o não infantil, resultando na definição de a quem seriam destinadas as obras. A literatura, então, constitui-se como uma promotora de saberes, haja vista, que através dela as crianças poderiam exprimir seus sentimentos e inquietações. (CASTRO, 2008; COELHO, 2010; GOMES, 2014).

Na explicação traga por David (2016, p.3), primeiro surge a literatura infantil, passando, na sequência, as infantojuvenis (meados de 1750). Na especificidade do Brasil e, de modo mais tardio, cita-se Monteiro Lobato (1882-1948), como um dos primeiros autores do gênero em nosso país; na verdade, de toda América Latina. Ao escrever sobre os dois grandes nomes internacionais: Charles Perrault (1628- 1703) e Jean de La Fontaine (1621 -1695) – daquele, idêntica tratar de um escritor e poeta francês, primeiro a dar acabamento ao novo gênero literário: *o conto de fadas*, o que lhe conferiu o título de *Pai da Literatura Infantil*. Trouxe ao público Histórias ou contos do tempo passado, com suas moralidades. Em suas mãos, ganharam forma editorial as seguintes histórias: “*A Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borralheira, Henrique do Topete e O Pequeno Polegar*” (DAVID, 2009, p. 3 *apud* SILVA, 2009). É relevante observar que a maioria dessas histórias, ainda hoje, são editadas para diversos meios de comunicação, bem como adaptadas para várias formas de expressões: teatro ou cinema/televisão, a exemplo. Quanto a La Fontaine, é, também, um poeta e fabulista francês; o primeiro volume de duas publicações: *Fábulas Escolhidas Postas em Versos*, constituiu-se de 12 volumes, com publicado entre 1668 e 1694, sendo dedicado ao rei Luís XIV (COELHO, 2010).

### **2.3 A Literatura e o Ensino**

Segundo estudos apresentados por Rosinete Gomes (2014), a partir do processo de frisar o infantil e o não infantil foi que “os laços entre a escola e literatura começam a se estreitar, pois para adquirir livros era preciso que as crianças dominassem a língua escrita e cabia à escola desenvolver esta capacidade” (p.3).

A princípio, nas escolas, os livros eram trabalhados apenas com o intuito de educar. Hoje, há o entendimento de que os textos literários ampliam as capacidades cognitivas e socioemocionais das crianças, pois a literatura pode ser inserida e vivenciada como uma forma de promover a interação dialógica com o outro. Cademartori sintetiza:

Se, adquirindo o hábito de leitura, a criança passa a escrever melhor e dispor de um repertório mais amplo de informações, a principal função que a literatura cumpre junto a seu leitor é a apresentação de novas possibilidades existenciais, sociais, políticas e educacionais (CADEMARTORI, 1994, p.19 *apud* ROCHA; LOPES, 2016, p.2).

É através da literatura que este sujeito terá a oportunidade de resolver conflitos, emoções e medos, pois, ao ler, a criança desenvolverá o devir. Ou seja, ela conseguirá sentir aquilo que o personagem está sentindo e, assim, entender o seu eu interior, conciliando seus valores, conhecimentos e suas experiências. Por exemplo, ao contar uma história para uma criança e ela pedir que a repita toda ou alguma parte, incansavelmente, significa que aquele texto está fazendo algum sentido para ela.

O quadro seguinte (Quad.1), conduz a explicação dos cinco estágios que norteiam as fases do desenvolvimento psicológico da criança: pré-leitor, leitor iniciante, leitor-em-processo, leitor fluente e leitor crítico. Ela foi desenvolvida através do estudo trazido por Castro (2008). A autora, explica:

Durante o seu desenvolvimento, a criança passa por estágios psicológicos que precisam ser observados e respeitados no momento da escolha de livros para ela. Essas etapas não dependem exclusivamente de sua idade, mas de acordo com Coelho (2002) do seu nível de amadurecimento psíquico, afetivo e intelectual e seu nível de conhecimento e domínio do mecanismo da leitura. Neste sentido, é necessária a adequação dos livros às diversas etapas pelas quais a criança normalmente passa (CASTRO, 2008, p. 4).

Ver-se-á o quadro:

<i>Estágio</i>	<i>Descrição do Estágio</i>
<b><i>Estágio pré-leitor</i></b>	Abrange duas fases: primeira e segunda infância. A primeira infância (dos 15/17 meses aos 3 anos) diz respeito à fase em que a criança começa a reconhecer o mundo ao seu redor através do contato afetivo e do tato – ela sente necessidade de pegar ou tocar tudo o que estiver ao seu alcance. Nessa fase marca, também, a aquisição da linguagem, em que a criança passa a nomear tudo a sua volta. A partir da percepção da criança com o meio em que vive, é possível estimulá-la, oferecendo-lhe brinquedos, álbuns, chocinhos musicais, entre outros. Assim, ela poderá manuseá-los e nomeá-los e com a ajuda de um adulto poderá relacioná-los propiciando situações simples de leitura. Já na segunda infância (a partir dos 2/3 anos), é o início da fase egocêntrica, com maior adaptada ao meio físico e aumento da capacidade e interesse pela comunicação verbal. Interessa-se também por atividades lúdicas, o “brincar” com o livro será importante e significativo. Nessa fase, os livros adequados, de acordo com Abramovich (1997) devem apresentar um contexto familiar, com predomínio absoluto da imagem, e sugerir uma situação. Não se deve apresentar texto escrito, já que é através da nomeação das coisas que a criança estabelecerá uma relação entre a realidade e o mundo dos livros. Livros que propõem humor, expectativa ou mistério são indicados.
<b><i>Leitor iniciante</i></b>	Estágio que ocorre a partir dos 6/7 anos. Essa é a fase em que a criança começa a apropriar-se da decodificação dos símbolos gráficos, mas como ainda se encontra no início do processo, o papel do adulto como <i>agente estimulador</i> é fundamental. Os livros adequados nesta fase devem ter uma linguagem simples com começo, meio e fim. As imagens devem predominar sobre o texto. As personagens podem ser humanas, bichos, robôs, objetos, especificando sempre os traços de comportamento, como bom e mau, forte e fraco, feio e bonito. Histórias engraçadas, ou que o bem vença o mal atraem muito o leitor nesta fase. Indiferentemente de se utilizarem textos como contos de fadas ou do mundo cotidiano. De acordo com Coelho

	(2002, p. 35) “eles devem estimular a imaginação, a inteligência, a afetividade, as emoções, o pensar, o querer, o sentir”.
<b>Leitor-em-processo</b>	A criança nesta fase, a partir de 8/9 anos, já domina o mecanismo da leitura. Seu pensamento está mais desenvolvido, permitindo-lhe realizar operações mentais. Interessa-se pelo conhecimento de toda a natureza e pelos desafios que lhes são propostos. O leitor dessa fase tem grande atração por textos em que haja humor e situações inesperadas ou satíricas. O realismo e o imaginário também agradam a este leitor. Os livros adequados a esta fase devem apresentar imagens e textos; estes, escritos em frases simples, de comunicação direta e objetiva. O tema deve girar em torno de um conflito que deixará o texto mais emocionante e culminar com a solução do problema – narrativa com início, meio e fim.
<b>Leitor fluente</b>	O leitor fluente, a partir dos 10/11 anos está em fase de consolidação dos mecanismos da leitura. Sua capacidade de concentração cresce e ele é capaz de compreender o mundo expresso no livro. Segundo Coelho (2002), é a partir dessa fase que a criança desenvolve o “pensamento hipotético dedutivo” e a capacidade de abstração. Esse estágio, chamado de pré-adolescência, promove mudanças significativas no indivíduo. Há um sentimento de poder interior, de ver-se como um ser inteligente, reflexivo, capaz de resolver todos os seus problemas sozinhos. Aqui, há uma espécie de retomada do egocentrismo infantil, pois assim como acontece com as crianças nesta fase, o pré-adolescente pode apresentar um certo desequilíbrio com o meio em que vive. O leitor fluente é atraído por histórias que apresentem valores políticos e éticos, por heróis ou heroínas que lutam por um ideal. Identificam-se com textos que apresentam jovens em busca de espaço no meio em que vivem, seja no grupo, equipe, entre outros. É adequado oferecer a esse tipo de leitor histórias com linguagem mais elaborada. As imagens, não indispensáveis, ainda são um elemento forte de atração. Interessam-se por mitos e lendas, policiais, romances e aventuras. Agradam-lhes mais, os contos, as crônicas e as novelas.
<b>Leitor crítico</b>	Nesta fase, com 12/13 anos, é total o domínio da leitura e da linguagem escrita. Sua capacidade de reflexão aumenta, permitindo-lhe a intertextualização. Desenvolve gradativamente o pensamento reflexivo e a consciência crítica em relação ao mundo. Sentimentos como saber, fazer e poder são elementos que permeiam o adolescente.

Quadro 1. A literatura e os 5 estágios que norteiam o desenvolvimento estudantil.

Fonte: Castro, 2008, p. 4-5.

Levando em consideração os estágios descritos no quadro, o professor, em sua prática pedagógica, dever-se-á observar os detalhes de cada material literário disponível e escolher os que sejam mais atraentes para o despertar do interesse das crianças. Nesse processo, é necessário também se ater aos diversos gêneros literários, como os contos, as fábulas, as histórias em quadrinhos e, até mesmo, os textos clássicos.

Torna-se agravante, o confinando do aluno a leitura somente de fragmentos de textos, nos quais recebem apenas um roteiro pré-definido. O ensino atual, busca a leitura efetiva das obras. Nas palavras de Afrânio Coutinho (1952), há:

[...] e a leitura tem que ser feita com espírito técnico, mediante análises interiores, de estilo e estrutura, de tema e enredo, de métrica e rima, enfim de tudo aquilo que constitui o intrínseco da obra e não das circunstâncias exteriores. (COUTINHO, 2004, p. 216).

Por fim, é necessário um trabalho que discorra a literatura de forma leve e prazerosa. Além disso, compreender que a literatura tem aspectos de inacabado, ou seja, cada sujeito terá uma maneira de ler, de acordo com os seus conhecimentos. O respeitar isso é imprescindível.

Toda essa discussão, para além de ajudar a pensar o uso da literatura em sala e aula, ajusta-se na compreensão do exercício de criação do material que se pretende.

### **3 A criação da literatura: material proposto**

#### **3.1 Do Projeto: Surgimento; Parceiro; Série**

*As aventuras de Quark e sua turminha*, atualmente, é fruto de um trabalho que se desenvolve no programa de Iniciação Científica do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos – UNIPAC/Barbacena/MG, estando ligado ao Curso de Pedagogia.

A proposição parte de pesquisas já iniciadas anteriormente pela professora proponente, que no UNIPAC passa a atuar através do grupo de pesquisa: *VEIA – Vertentes Ensino Integração e Arte*. Em um primeiro momento, para além da Pedagogia (centrada na pesquisa teórica), houve a participação do curso de Publicidade e Propaganda a partir de uma aluna bolsista – Ana Cristina Puygserver Santos. Esta, foi responsável pelos primeiros traços quanto aos desenhos.

No processo de constituição do Projeto, parcerias foram estabelecidas, o que explica a possibilidade de condução do trabalho já existente em pesquisas desenvolvidas por Marcillene Ladeira, durante sua atuação no Centro de Ciências da UFJF. O projeto educacional dessa fase, concentrou-se na condição da educação não-formal. Estes espaços, com atenção aos Centros de Ciências, no Brasil, tiveram sua multiplicação a partir dos anos de 1990 (MARANDINO, 2008, p.13).

A unidade de Juiz de Fora nasce no ano de 2017; em vistas a esse processo, diferentes frentes de trabalhos se formaram, estando agregadas a áreas distintas. Física, química, biologia e astronomia se destacaram como fontes propositoras do conhecimento que passou a compartilhar, especialmente através de visitas guiadas ao espaço. Seu acervo, inicialmente, constituiu-se, sobretudo, por *experimentos em laboratório e brinquedos científicos* produzidos pela própria instituição, através de estudos sistemáticos. Para além dos saberes ligados às áreas descritas, o conteúdo disciplinar das artes, pelo Projeto *Ciência com Arte*<sup>5</sup>, ficou responsável em alinhar tais implementações

---

<sup>5</sup> O nome do primeiro projeto implementado está para: *Oficina Didática de Ciências e Artes*, passando posteriormente para: *Ciência com Arte*.

a uma estética visual, que fosse ao mesmo tempo alegre e atrativa. Foi, justamente, no decorrer desse processo, que nasceu a ideia do desenvolvimento de um personagem com características que transmitissem a identidade do espaço. Assim, *Quark* passa-se à mascote do Centro de Ciências da UFJF – o primeiro a ser criado.

Desde o início, a intenção fora de que o mesmo não ficasse sozinho, mas viesse acompanhado de uma trupe. Muitas ideias passaram a povoar o intelecto em busca de tais interações; surgem, assim, a versão feminina de *Quark – Charm*, bem como *Hádron e Up* – personagens complementares.

O projeto no UNIPAC, ao descrever sobre a intenção de pesquisa, está na ideia de material didático produzido em *série*, mas ainda não sendo possível identificar uma periodicidade exata. Ademais, na literatura, *série* é um gênero narrativo, publicado de forma cronológica. Há uma diferença entre ela e a *saga*. Enquanto esta (*saga*), palavra que significa lenda ou aventura, movimenta-se em torno de um objetivo e toda a história vai sendo narrada baseando-se nisso. A diferença com aquela, é a duração; a saga tem longa duração. A *Saga Crepúsculo*, de autoria da escritora americana Stephanie Meyer, por exemplo, foi iniciada por livros de romance e fantasia e, posteriormente, adaptada ao cinema. A série possui um espaço de tempo menor, isto é, o problema circundado em torno do objetivo se desenvolve em menos tempo. Cada volume pode conter uma aventura diferente que liga ao objetivo central. São exemplos de séries: *Aladdin*, também de origem americana, produzida pela Disney e *Turma da Mônica*, criada pelo brasileiro Maurício de Sousa, originária das HQs, esta é considerada a mais longa produção do segmento no país. (SIGNIFICADOS, ... np; FERREIRA, 2018, np).

Voltando ao objetivo da narrativa, fruto da pesquisa – *Quark e sua turminha* –, constrói-se na ideia da realização de expedições de cunho pedagógico. Ou seja, os amigos, muito animados e dotados de espírito investigador, tem como meta realizarem deslocamentos de caráter didático, percorrendo instâncias, tanto das diferentes Ciências, como das Artes. Pretende-se, numa visão atualizada e descontraída, arejar tradições, em vistas ao despertar de vocações nos jovens leitores. Como expressara Adriana Varejão em entrevista realizada a ela, em 2010, em virtude de sua exposição *Entre Carnes e Mares*: “tenho uma visão otimista da História como algo em constante transformação e que o passado precisa estar se alimentando do presente e não ao contrário”. A renomada artista brasileira ainda continua: “comentar sobre a tradição não significa estar estagnado nela. É preciso abrir sempre as janelas, movimentar o ar”; e assim conclui: é preciso ser como “minhocas, que arejam a linguagem” (VAREJÃO *apud* TRIGO, 2010, np).

Sim, o ser humano vive em constante estudo – busca respostas para as novas questões ou trazem à tona novas respostas às velhas questões. De igual modo, subsiste uma era propiciada por visões da realidade com mais consciência e consistência. A série pretende, então, estar veiculada a esta realidade, sendo um modo de ligar os saberes, as novas gerações, de maneira que transmita curiosidade, diversão e lazer.

Portanto, a ideia é que a turminha, a partir de expedições específicas, lance mão de determinados assuntos, formalizando sua *série*.

### **3.2 Personagens: dos Nomes; das Iconografias; das Representações Gráficas**

*Quark*, *Charm*, *Hádron* e *Up* são nomes originários da Física de Partículas – ramo de estudos da Ciência Moderna, sendo partículas que compõem a matéria. Isto é, de acordo com os estudos atuais, o átomo é constituído de: neutros, prótons e elétrons; somente o último é elementar (indivisível), enquanto os outros dois são divisíveis, sendo pesados e classificadas em *Hádrons*. Estes, são formados por partes ainda menores – os chamados *Quarks*, considerados realmente elementares. *Up* e *Charm* estariam entre eles. Eis, assim, o encontro das quatro nomenclaturas (T. JARDIM, 2015; ABDALLA, 2005).

Para os personagens: *Quark* e *Charm* – versão masculina e feminina, respectivamente – absorvem a iconografia de uma espécie biológica: um quati ou coati, (do tupi *akwa'tim*, que significa nariz pontudo). O mamífero foi selecionado pelo grande número que habitavam o derredor do espaço: o Centro de Ciências da UFJF – torneado por uma mata atlântica preservada<sup>6</sup>. Esse (Fig.1), assemelha-se a um guaxinim, porém possui o nariz mais comprido e o corpo mais alongado, com altura de cerca de 70 centímetros. Seus hábitos alimentares se baseiam em minhocas, frutas, insetos e ovos, sendo diurnos, mas, às vezes, praticam atividades noturnas. Vivem em grupos de fêmeas e machos jovens (normalmente entre 4 a 20 animais). Os machos adultos só se unem ao bando para reprodução, que acontece no fim da primavera. Mesmo não gostando de água, pode nadar bem; dorme enrolado como uma bola no topo das árvores; é de coloração cinzenta-amarelada, porém variável, havendo indivíduos quase pretos e outros avermelhados; os focinhos e os pés são pretos e bem versáteis: rastreiam cheiros de longe e são capazes de realizarem escaladas, saltos e corridas. As orelhas são curtas e a cauda

---

<sup>6</sup>Diz-se da primeira sede do Centro de Ciências, onde funcionou por dez anos e seis meses. Tratou-se de um anexo ao lado Colégio de Aplicação João XXIII, bairro Santa Helena, Juiz de Fora – MG. No dia 3 de julho de 2017, ganhou sede nova no campus universitário da UFJF, espaço construído especificamente para recebê-lo.

mede em torno de 55 centímetros – característica que lhe proporciona equilíbrio, mas também certa formosura. Ela possui de sete a oito anéis pretos. A chamada cauda-anelada. É um animal que convive bem com os humanos, sendo muito esperto. (QUATI, 2017, np;QUATI-DE-CAUDA-ANELADA, 2020, np).



Figura 1.Quati

Fonte: <https://aminoapps.com/c/pets-em-geral/page/blog/quati-simpatico-e-comilao/>

*Hádron* está para a iconografia de um macaco de pequeno porte: *Callithrix Penicillata*, sagui-do-tufo-preto, sagui-do-cerrado ou, ainda, mico-estrela (Fig. 2). Até mais que os quatis, mantém uma relação estreita com os seres humanos, pois trata-se de uma espécie bem presente nas cidades. Foi selecionado por, também, habitar o entorno do Centro de Ciências da UFJF. Uma de suas características peculiares é a mancha clara na testa, que o faz ser mais conhecido por mico-estrela. Naturalmente, sua coloração é cinza castanho escura; outra paridade ao quati é a cauda: coexistem listras intercaladas em forma de anel; mas se difere, nas unhas: formato de garra e no tamanho: de grau menor – aproximadamente 40 cm.(NAKAMURA, 2009; VALE, 2016).



Figura 2.Sagui ou mico-estrela  
Fonte: NAKAMURA, 2009, p.3

Para essa construção iconográfica, não se pode deixar de lembrar de *Abu*—macaco de estimação do Aladdin (série já referenciada), sendo um de seus melhores amigos, ao lado do Gênio e do Tapete. Como Abu, *Hádrón* está sendo constituído com uma personalidade muito gentil, que acompanha *Quark*, trazendo à mão, muito rapidamente, tudo que ele precisa. É de muito expediente, descontraído, curioso e, sobretudo, opinativo.

Já *Up* é uma estrela que caminha ao lado de *Charm* a desafiando sempre a ir mais distante em suas percepções. No contexto do Centro de Ciências da UFJF, está para a astronomia, e os equipamentos de observação que dispõe: 1 telescópio fixo de 20 polegadas, além de dez telescópios móveis, incluindo um específico para observação do Sol. Com eles, observa-se, por exemplo, estrelas, lunações, crateras lunares e planetas.<sup>7</sup>

Na compreensão geral, quanto às criações ou representações gráficas dos personagens (transposição real às histórias), Filipa Tirgoala, à luz de Padilla (2015, p.4apud 2007, p. 102) explica que na ação de “desenhar é necessário o desenvolvimento da capacidade de observação, para um modo mais analítico, ou seja, ver o que nos rodeia numa perspectiva diferente”. Assim, ainda que com as observações dos animais retirados do natural, os personagens são construídos com certo grau de fantasia e ludicidade. Como se viu no texto anterior, referente aos 5 estágios que norteiam o desenvolvimento estudantil, um personagem bem construído é elementar para o funcionamento de uma história e de sua narrativa.

---

<sup>7</sup><https://www2.ufjf.br/centrodeciencias/>

O princípio das proporções e dimensões é outro fator a mensurar. *Quark* e *Charm* diferente de *Hádron* e *Up*, são mais humanizados. Nessa busca, um dos exemplos mais antigos, ainda hoje utilizado, foi realizado pelo escultor Policleto. Por volta do século V a.C., escreveu um tratado intitulado *o Cânon* ou *Cânone*, o qual registrou proporções que se estabelecem entre uma unidade básica (a cabeça) e o comprimento do corpo. O número mais difundido é a unidade de 7 cabeças<sup>8</sup> (Fig. 3A). A exemplificação da teoria foi dada por uma estátua, em bronze, de Aquiles (também conhecida como *O Portador da Lança* ou *O Dorífero*), sendo a mesma estudada e reproduzida em mármore tempos mais tarde. (STOKSTAD, 2005 *apud* SOUZA, 2019, p. 6).

No século seguinte (IV a.C.), Lipiso cria outro cânon artístico (norma; lei), em que o corpo humano corresponderia a 8 cabeças (Fig. 3B). Essa foi muito usada no Renascimento. Vários outros estudos seguiram através dos tempos, com indicações diferentes para as proporções quanto ao corpo feminino (a representação seria a menor), bem como ao corpo infantil. (TIRGOALA, 2015, p. 52). A título de exemplo e interesse de discurso, Robert Chambers (p. 86 *apud* TIRGOALA, 2015, p. 16), “no séc. XIX, descreve as proporções da figura humana, num livro destinado ao ensino do desenho, a crianças dividindo-a, igualmente, em oito cabeças”. As marcações eram: 2ª no peito, 3ª no centro do abdômen, 4ª na parte inferior do tronco, 5ª no meio da coxa, 6ª imediatamente abaixo do joelho, 7ª a meio do tornozelo, e 8ª na sola do pé.

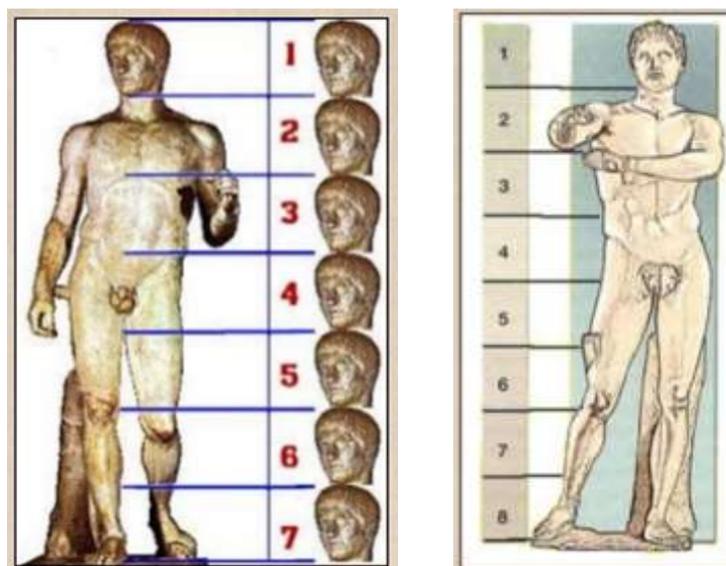


Figura 3, A e B. Cânones: 7 cabeças (Policleto) e 8 cabeças (Lipiso)

Fonte: <https://www.google.com/imgres?imgurl=https%3A%2F%2Fimage.slidesharecdn.com%2Fesculturagregaclassicareposiao>

<sup>8</sup>Pelo distanciamento do estudo, há certa divergência, entre os autores.

Embora o conceito de arte realista não admita tais padronizações, pois se baseia na observação do natural e as figuras desenhadas ficam para os modelos vivos representados, as regras de proporções possuem o seu valor – é um modo de ver, que serve de alicerce e referência, facilitando o trabalho. Desse modo, a imagem seguinte (Fig. 4) apresenta o *Quark*, em uma dada regra de estruturação padronizada a ele: *cânion* de 2 cabeças e  $2/3$ .

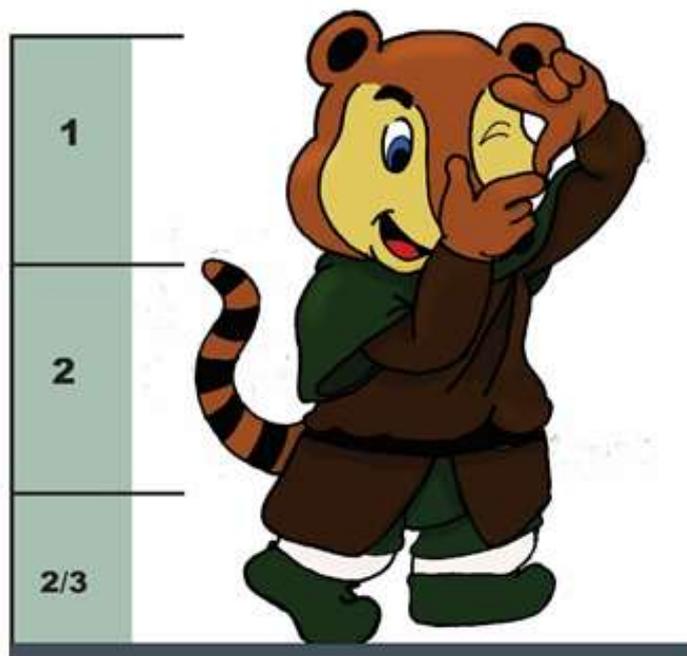


Figura 4. Quark em cânion de 2 cabeças e  $2/3$   
Fonte: Arquivo da Pesquisa

Seguindo a mesma estruturação física, mas com *cânion* menor: 2 cabeças e  $1/3$ , bem como a presença de traços mais delicados e roupas que caracterizam a feminilidade, está *Charm*. Outra diferença presente entre os dois, são as cores dos olhos. Segundo alguns estudos, as cores dos olhos podem apontar para as missões espirituais dos indivíduos, os quais influenciam o ambiente e até outros indivíduos ao redor. O azul de *Quark* nos remete a cor da faixa do curso de Artes Visuais, mas também nos leva à imensidão do mar ou do céu. Ainda nos remete a ideia de sonho – questão própria que caracteriza a realidade vivida em meio à formação do Centro de Ciências da UFJF, na época em que foi desenvolvido; promove, também, a sensação de sabedoria, proteção e acolhimento. O castanho esverdeado de *Charm* – cor entre o mel e o verde esmeralda – está entre a preciosidade de uma pedra rara e a doçura do néctar da abelha. Mesmo que, às vezes, tenha medo, em sua grande parte emana uma atmosfera de força, verdade e

coragem, que coloca ordem nas descobertas e aventuras do grupo. *Hádron* e *Up* possuem olhos pretos; estes, transmitem força, valentia. *Up* do espaço, possui mais energia, levando-a a uma intelectualidade que transcende. A imagem seguinte (Fig. 5) a apresenta:



Figura 5. Representação Gráfica de *Up*  
Fonte: Arquivo da Pesquisa

A turminha é toda animada, corajosa e desbravadora – vivem sempre planejando investigações. Para tal, criam diálogos que promovem discussões brilhantes e resultam em aventuras incríveis; mas, nem sempre aparecem juntos nas histórias.

### **3.3 Realidade e Fantasia: das Narrativas em Geral e do Livro 1 – tema primeiro**

Ao unir a representação gráfica dos personagens no universo da fantasia, com os conhecimentos reais e atuais das Ciências e das Artes, nasce a literatura. É nesse perfil, que se insere o caráter pedagógico da proposta, estando voltada às novas gerações, em fase estudantil. Aliás, “os investigadores são as pessoas atentas, observadoras e curiosas que questionam e buscam respostas” (PROJETO..., 2006, capa). Pelos ramos norteadores, são muitos os assuntos a desbravar. A primeira expedição, a qual define o livro 1, em construção, está para visita a uma pedreira de extração de mármore. Neste transcurso, a turminha percorrerá a história da arte, de modo a apresentar tramas incríveis quanto ao emprego do referido material pela humanidade, acrescentando outras curiosidades

correlatas. Na sequência, expõem-se o recorte introdutório da história:

Em um domingo de muito sol, aproveitando o começo do ano escolar e iniciando as nossas expedições, *Quark e sua turminha* visitam uma pedreira de extração de mármore [...].

Para essa partida, introduz *Quark*: é hora de você equipar-se com roupas de escoteiro e entrar com a gente neste universo de arte e de ciência. Tudo é muito divertido; há tantas coisas para aprender...

Eu, por exemplo, interrompe *Hádron*: sou extremamente curioso. Curiosidade é uma coceira que dá dentro da cabeça, no lugar onde mora os pensamentos. E essa tal curiosidade aparece quando nossos olhos começam a fazer perguntas.

Sorridente e como uma cientista, *Charm* exclama: não são as respostas que movem o mundo. Ora, são essas tais perguntas!

Posicionando-se, *Up* completa: e nossos olhos devem ser sempre curiosos; devem questionar, saber o que está por detrás das coisas. Por que são assim? Como são feitas? Para que servem?

Por fim, *Quark* diz: acreditamos que a combinação entre arte e ciência, sendo ensinada desde a infância, prepara a sua sensibilidade, jovem! Assim, saberá apreciar as pequenas belezas do mundo; reforçando certos valores que deixam nossa parte cognitiva cheia de vida e histórias para contar.

... e todos finalizam: essa nossa grande aventura de agora – vai nos mostrar como acontece o processo criativo dos seres humanos – artistas do mundo, que com as mãos iluminadas e transformadoras, modelam pequenos objetos, vasos, estátuas, moradas... Um recorte que trará, sobretudo, o mármore, valiosa pedra ornamental extraída de lugares magníficos como os que vamos explorar.

Bora para a nossa primeira história.

Michelangelo, um dos maiores escultores da história, fora adepto ao uso do mármore, que em seu tempo, era sinônimo de luxo, riqueza e requinte. É sobre essa perspectiva que a imagem seguinte (Fig.6, A e B), liga-se a Fig. 4, na qual *Quark*, à maneira do escultor, olha entre os dedos, para o bloco de mármore a sua frente, de modo a medir a escultura que, supostamente, já estaria escondida ali. Isto é, Michelangelo era partidário da teoria, segundo a qual a obra de arte já existe na natureza, sendo função do artista revelar tal presença. No caso do mármore, caberia ao artista tirar o excedente da pedra. A escultura de *Davi*, estaria entre um dos exemplos trabalhados por Michelangelo; ela possui 5,17 metros de altura, pesando 5 toneladas. Foi iniciada em 1501 e finalizada em 1504; encontra-se, hoje, na Academia de Belas Artes de Florença – Itália, cidade que, originalmente, encomendou a obra. O trabalho de um realismo anatômico impressionante, retrata o herói bíblico, sendo considerada uma das grandes obras do Renascimento. (PROSSER, 2013, p. 5-6).

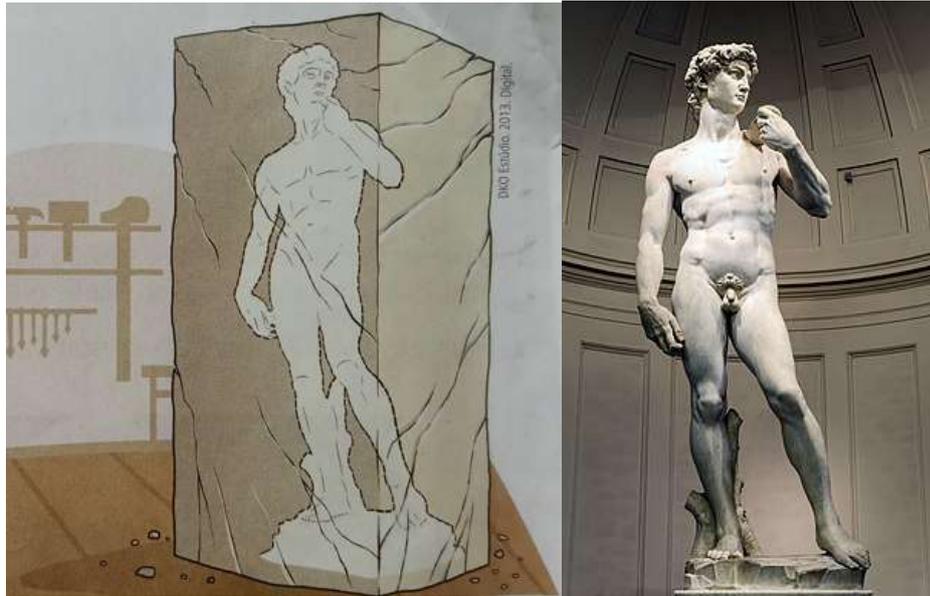


Figura 6, A e B. Representação Gráfica, Davi de Michelangelo, processo obra  
Fonte: DKO Estúdio. 2013. Digital (*apud* PROSSER, 2013, p.6);  
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/David\\_\(Michelangelo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/David_(Michelangelo))>

#### 4 Considerações Finais

Pelo caminho da pesquisa – Iniciação Científica – tem sido possível prosseguir nos interesses de estudo. O desafio é laborioso, mas também de grande riqueza. Implica novos aprendizados a todos os envolvidos e tem nos permitido reformular posicionamentos e estratégias de ação ao ensino. Entendemos que esse processo de estudo, efetivado entre palavra e imagem, é promissor em seio Universitário. Acreditamos no seu exercício de humanização; na integração que une: teoria e prática; razão e sonho; trabalho e conquista – conhecer é também maravilhar-se ou, como nos diz Florêncio Oliveira (2010, p.31): “o texto literário não deve ser visto nem como um texto de difícil compreensão, nem como um texto em que seja possível toda e qualquer explicação ou interpretação”. A propósito, é a leitura atenta a ele e, também, o contato, seja pelas clássicas presenças ou pelas formas renovadas – como as que norteiam esta pesquisa, que surge a compreensão de se tratar de um estudo que precisa prosseguir. Logo, como em um percurso iniciado, as conduções desta pesquisa se mantêm em aberto. Assim, o fio condutor do texto mapeou certas especificidades – um diálogo surgido em modos possíveis de operacionalização, os quais ainda há muito a perseguir...

## 5 Referências

- ABDALLA, Maria Cristina Batoni. Sobre o Discreto Charme das Partículas Elementares. *Física na Escola*, Sociedade Brasileira de Física, v. 6, n. 1, p.33-44, 2005.
- AGUIAR E SILVA, Vítor M. de. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Editora Almedina, 2007.
- CANDIDO, Antônio. Vários Escritos. Duas Cidades. In: CANDIDO, Antônio. *O direito a literatura*. São Paulo: Editora Ouro Sobre Azul, 2004, Cap. 1, p. 169-191.
- CASTRO, Eline Fernandes de. *A importância da leitura infantil para o desenvolvimento da criança*. Brasil Escola. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-literatura-infantil-para-desenvolvimento.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2020.
- CHARTIER, Roger. *A Aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- COELHO, Nelly N. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil*. SP: Amarelly Ed., 2010.
- COUTINHO, Afrânio. *O ensino da literatura*. RJ: Departamento de Imprensa Nacional, 1952.
- DAVID, Ricardo Santos. *Literatura Infantojuvenil: discussões sobre o Panorama Histórico e Gênero Literário e suas características*. Rev. Brasileira de Literatura Comparada. Niterói, v.18, n.28 jan. / abr. 2016. Disponível em: <<https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/394>>. Acesso em: 10 dez. 2020.
- FERREIRA, Susane. *Você sabe a diferença entre Saga e Série?* Disponível em: <[https://aminoapps.com/c/leitores-br/page/blog/voce-sabe-a-diferenca-entre-saga-e-serie/aVN5\\_kdBH0uedkgjMoEvEwXxQJQ8pDmapP2](https://aminoapps.com/c/leitores-br/page/blog/voce-sabe-a-diferenca-entre-saga-e-serie/aVN5_kdBH0uedkgjMoEvEwXxQJQ8pDmapP2)>. Acesso: <02 nov. 2020>.
- GOMES, Rosinete De Sales. *A literatura infantil como recurso de inclusão social nas escolas*. Anais I CINTEDI... Campina Grande: Realize Editora, 2014. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/8425>>. Acesso em: 10/12/2020
- LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MARANDINO, M. (org.) *Educação em museus: a mediação em foco*. SP: Geenf/ FEUSP, 2008.
- NAKAMURA, Elaine Mitie. *Convívio entre Saguis e Pessoas: Experiências no Parque Ecológico do Córrego Grande e entorno*, Florianópolis/Sc. 2009. 76f. (Monografia) – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Biológicas. Departamento de Ecologia e Zoologia, Florianópolis, 2009.
- OLIVEIRA, F. C. D. *O ensino de literatura na perspectiva dos gêneros literários: uma proposta de trabalho*. 2010. 216 f. Tese (Doutorado em Letras na área de concentração Literatura e Cultura, Linha de Pesquisa Literatura e Ensino) – Universidade Federal da Paraíba Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, João Pessoa – PB, 2010.
- PROJETO ARARIBÁ: *Ciências / Obra coletiva*. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- PROSSER, Elisabeth S. *Arte, 9º ano*. Curitiba: Positivo, 2013.
- QUATI... SIMPÁTICO E COMILÃO, 2017. Disponível em: <<https://aminoapps.com/c/pets-em-geral/page/blog/quati-simpatico-e-comilao/>>. Acesso: <02 nov. 2020>.

QUATI-DE-CAUDA-ANELADA, 2020. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Quati-de-cauda-anelada>>. Última edição: 08h05min, 28 maio 2020. Acesso: <02 nov. 2020>.

ROCHA, Pedro A.; LOPES, Robson V.N. *Literatura Infãnto-Juvenil: História e relações com a Pedagogia*. Revista Querubim – revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais. p. 2-6, ano 12, Seção Especial, dez., 2016.

SIGNIFICADOS. Disponível: <<https://www.significados.com.br/saga/>>;</?s=s%C3%A9rie>. Acesso: <02 nov. 2020>.

SOUZA, Anderson Luiz De. *Uma breve história do desenho da figura humana e seus cânones*. Revista da FUNDARTE, p.95-116, ano 19, nº 38, abr. / jun. de 2019. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

T. JARDIM, Wagner. Meu nome é Quark! In: ALCÂNTARA, Marlon C. (Org.). *Quark e a História da Ciência*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015. Cap. 6, p. 59-71.

TIRGOALA, Filipa de Albuquerque R.C.S. *Cânones, movimento e expressão na representação da figura humana*. Relatório da Prática de Ensino Supervisionada. Portugal: Universidade de Lisboa, 2015. 113 p. (Mestrado em Ensino das Artes Visuais).

TRIGO, Luciano. *O corpo como metáfora: Adriana Varejão lança ‘Entre carnes e mares’ e fala sobre sua arte*. Portal de notícias G1, Categoria Todas, 04 maio 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2010/05/04/820/>>. Acesso em: 02 dez 2014.

VALE, Caroline Almeida. *Distribuição e potencial de invasão do sagui Callithrix Penicillata (É Geoffroy, 1812) no território brasileiro*. 2016. 56f. Dissertação. (Mestrado em Comportamento e Biologia Animal) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Pós-Graduação em Ciências Biológicas, Juiz de Fora, 2016.